

Profissionais do ensino público como membros da rede de apoio social de famílias: análises preliminares

Julia Gonçalves de Bitencourt
Nathassia Santos da Silva
Raysa Schmitz Serafim
Bruna Larissa Seibel

Resumo: Sabe-se que a rede de apoio social é um importante fator de proteção para o desenvolvimento, em especial em contextos vulneráveis. Este estudo buscou analisar parte dos dados de uma pesquisa mais ampla, a qual investiga a percepção de residentes e trabalhadores sobre fatores de risco e de proteção presentes em um contexto de vulnerabilidade social. Para este artigo, foi realizado um estudo de casos múltiplos, a partir de dados de três professoras de ensino fundamental de escolas públicas municipais do bairro Vila da Paz em Cachoeirinha/RS. Foram analisados dados biossociodemográficos e os resultados da escala *Maslach Burnout Inventory* - MBI-HSS. Partiu-se da compreensão de que os educadores são membros da rede de apoio social das crianças e de suas famílias. Para tanto, é importante compreender como está o grau de exaustão no trabalho desses profissionais, uma vez que trabalhar em um contexto de vulnerabilidade pode ser desgastante, fragilizando a rede de apoio de quem precisa do auxílio desses profissionais. Verificou-se, no entanto, que as participantes analisadas apresentaram escores baixos nas três dimensões de *burnout*: exaustão emocional, falta de realização profissional e despersonalização. Estes resultados mostraram que, apesar das adversidades enfrentadas, as educadoras parecem estar positivamente identificadas com seu trabalho e sentir motivação no papel de apoio dessas crianças. Contudo, é preciso considerar que a amostra compete a uma pequena parcela dos profissionais que atuam no território. Assim, é possível que, com a sequência da pesquisa, outros elementos da escala fiquem em evidência, bem como amplifique a análise de dados que contemplem aspectos importantes para a compreensão e validação ou não das hipóteses iniciais.

Palavras-chave: Rede de apoio social; Fator de proteção; Síndrome de *burnout*.

1 INTRODUÇÃO

As redes de relações sociais permeiam toda a vida dos indivíduos e se transformam ao longo de seu ciclo vital. Estas relações trazem possibilidades de apoio em momentos de crise ou mudança e podem criar oportunidades de desenvolvimento (Juliano & Yunes, 2014). Os laços sociais parecem ter influência na manutenção da saúde, funcionando como fator de proteção em situações de estresse, podendo reduzir seus efeitos e diminuir seu impacto no bem-estar psicológico (Cohen, 2004; Griep, Chor, Faerstein, Werneck, & Lopes, 2005). Sugere-se que a presença da rede de apoio social atenua os problemas de saúde, na medida em que: 1) diminui reações fisiológicas de alarme; 2) contribui para dar sentido à vida dos indivíduos; e 3) propicia atividades que beneficiam a saúde (Sluzki, 1997).

Considerar apenas o microsistema familiar como espaço de desenvolvimento torna-se reducionista, pois são os recursos dos diferentes contextos associados à família que poderão compor o ambiente ecológico de adaptação dos indivíduos. Estas interações no contexto podem aumentar ou diminuir o impacto de fatores de risco (Juliano & Yunes, 2014). Além disso, a natureza dos ambientes afeta os efeitos, de competência ou disfunção, produzidos pelo desenvolvimento. Ambientes desfavoráveis e desorganizados produzem impactos severos quando ocorre a disfunção. Já a competência produz maior impacto no desenvolvimento em ambientes organizados, favoráveis e estáveis (Dessen & Domingues, 2005; Narvaz & Koller, 2004).

Tendo estes aspectos em vista, o presente estudo objetiva apresentar parte dos dados coletados sobre fatores de risco e proteção em um contexto de vulnerabilidade. Considerou-se que os participantes envolvidos nesta análise são parte importante da rede de apoio social de famílias residentes neste território. Por isso, buscou-se compreender como professoras deste contexto estão vivenciando seu trabalho.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Sabe-se que a rede de apoio social se constitui como fator de proteção importante para desfechos desenvolvimentais e relacionais (Brito & Koller, 1999; Koller, De Antoni, & Carpena, 2012). A importância de se estudar e reconhecer a rede social ganhou força ao longo dos anos. Attneave e Ross (1982) afirmaram que a rede social é depositária da identidade e da história, tanto

de indivíduos como de grupos, produzindo reconhecimento social. Isso porque as interações permitem aos participantes refletir e manter uma imagem própria, relacionada com os papéis que cada um desempenha. Elkaïm (1989) salientou ainda que a rede requer um processo de construção permanente, em níveis individual e coletivo. Sugeriu ainda que a rede social é um sistema aberto que aperfeiçoa seus recursos a partir do intercâmbio entre seus integrantes e também entre outros grupos sociais.

Estas e outras definições trazem a ideia de que as redes sociais são um sistema dinâmico, que se constrói individual e coletivamente, e constituem-se do conjunto de relações, oportunizando reconhecimento e identidade (Attneave & Ross, 1982; Balcani, Ferraris, & Marano, 1995; Elkaïm, 1989). Pode-se entender a rede social a partir da metáfora da rede do pescador. Os nós representam pessoas e instituições que criaram vínculos com diferentes características e intensidades. Os fios que permitem “amarrar” esses nós estão constituídos pelas relações, pelos vínculos, pelas diversas formas comunicacionais. Assim, um nó pode ser tecido por uma pessoa, por um grupo, por uma comunidade, formando um sistema auto-organizado (Rangel, 2007).

A rede é uma interface entre a pessoa e o contexto de desenvolvimento do qual faz parte (Brito & Koller, 1999). Nesse sentido, diz respeito à percepção que os indivíduos têm de seus mundos sociais e como se orientam neles para estabelecer vínculos (ou não), apropriando-se de recursos que lhe são oferecidos como proteção frente a situações de risco (Rosenquist, Murabito, Fowler, & Christakis, 2010).

As relações com pessoas e instituições significativas podem ser recursos protetivos para os membros da família nuclear e seus vínculos, especialmente em famílias disfuncionais (Koller, De Antoni, & Carpena, 2012). Cada uma das esferas da vida – família, amigos, vizinhos, trabalho, escola e outras – representa um papel de identidade social, capaz de fornecer apoio a partir das relações que os indivíduos estabelecem com outros. A primeira rede de apoio geralmente é a família, iniciada nas primeiras relações de apego. Ao longo do tempo, as habilidades desenvolvidas nessas relações passam a ser exercidas e sofisticadas nas outras dimensões sociais da criança (Brito & Koller, 1999). Ao expandir sua rede se vinculando a outras pessoas, a criança, ao longo do tempo, substitui parcialmente suas figuras principais de apego inicial (Ainsworth, 1989). Dessa forma, as primeiras relações servem como base afetiva para as demais.

Para Bronfenbrenner (1979/1996), o conceito de rede de apoio está relacionado a uma concepção evolutiva da pessoa em seu contexto ecológico em interação e à crescente capacidade de descobrir, sustentar ou modificar as propriedades deste contexto. Assim, pessoas com redes de

apoio sólidas se mostram mais competentes para oferecer apoio e para estabelecer relações próximas e significativas, fazendo parte da rede de outros. Não só o microsistema familiar é considerado agente socializador importante, mas outras interações do mesossistema ecológico, o que amplia a rede de relações sociais dos indivíduos e contribui para seu desenvolvimento (Bronfenbrenner, 1979/1996; Zamberlan & Biasoli-Alves, 1997).

O funcionamento protetivo de uma rede de apoio social possibilita desfechos adaptativos, modificando a resposta da pessoa a situações adversas (Rutter, 1987; Yunes, 2001) e interfere positivamente na interpretação das experiências dos indivíduos (Masten & Reed, 2002). Mais ainda, protege contra a desestabilização (Brito & Koller, 1999) e disponibiliza espaços de convivência saudáveis, aprendizagem, reforço de habilidades e de capacidades sociais e emocionais importantes para o desenvolvimento (Poletto & Koller, 2006). No entanto, não só a interação com o meio socioambiental conferirá à rede de apoio a característica de fator de proteção, mas as significações internas que os indivíduos fazem de sua rede (Brito & Koller, 1999). A rede de apoio social também está associada à prevenção de casos de abuso e negligência familiares, ao sucesso escolar e ao fortalecimento de autoimagem positiva e de competência (Albarracin, Repetto, & Albarracin, 1997; Barrera & Garrison-Jones, 1992). As relações proporcionam aumento da competência, reforçando o senso de pertencimento, dignidade, fortalecendo a imagem pessoal e promovendo senso de autoeficácia. Dessa forma, o apoio social permite aos indivíduos um desenvolvimento adaptado ao meio, constituindo-se em fator de proteção diante de situações adversas (Rutter, 1987).

3 MÉTODO

3.1 CONTEXTUALIZAÇÃO

Este projeto vem sendo desenvolvido na cidade de Cachoeirinha/RS. Selecionou-se a região do bairro Vila da Paz e arredores, a partir de levantamento de territórios que apresentassem maiores índices de vulnerabilidade social. A partir da escolha do bairro, buscou-se realizar visitas em todas as instituições de ensino, saúde e assistência social da região, a fim de apresentar as ideias iniciais e questionar sobre possível parceria. Uma vez aceitas as parcerias, formalizou-se o projeto junto à

Prefeitura Municipal de Cachoeirinha, considerando o interesse em manter a pesquisa-intervenção a longo prazo. A pesquisa também tem parceria com os professores Cody Hollist e Paul Springer, da University of Nebraska-Lincoln (EUA). Os professores em questão têm experiência no desenvolvimento, aplicação e análise de dados de pesquisas participativas e em métodos mistos, sendo seu expertise de grande valia para o aprimoramento da pesquisa proposta e de futuras intervenções decorrentes desta.

3.2 DELINEAMENTO

Este estudo será um recorte de uma pesquisa mais ampla, ainda em andamento, com caráter misto sequencial explanatório. Esta análise será a partir de um estudo de casos múltiplos, qualitativo, descritivo e exploratório.

3.3 INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS

Para este estudo, foram considerados os dados biossociodemográficos e os resultados do instrumento *Maslach Burnout Inventory* - MBI-HSS (Malach & Jackson, 1981; Benevides-Pereira, 2001). Esta escala autoaplicável possui 22 itens e mede três dimensões de *burnout* no trabalho: exaustão emocional, despersonalização e baixa realização profissional. Para o estudo, foi utilizada uma escala de mensuração tipo Likert de cinco pontos (Carlotto & Câmara, 2007).

Estes dados foram coletados como parte de um protocolo de pesquisa quantitativo elaborado para o mapeamento de fatores de risco e proteção com residentes e trabalhadores do território em questão. Neste caso, foi realizado um encontro com os profissionais da rede de ensino público, no qual foi explicado o objetivo da pesquisa e lido conjuntamente o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Em seguida, foram entregues os termos para quem aceitou participar, deixando uma cópia com os participantes. Os protocolos foram entregues e explicados, para serem preenchidos pelos profissionais e devolvidos em uma data determinada em conjunto com os participantes.

3.4 PARTICIPANTES

Foram incluídos neste estudo três casos, sendo todas professoras de escolas públicas municipais do território contemplado na pesquisa mais ampla. São participantes mulheres, de cor branca, com idades entre 24 e 42 anos, professoras de escola pública municipal, com renda familiar entre dois e seis mil reais (Tabela 1).

Tabela 1. Dados biossociodemográficos

Caso	Idade	Estado civil	Renda familiar	Religiosidade
Caso 1	24	Mora junto	R\$6.000,00	Espírita
Caso 2	42	Solteira	R\$6.000,00	Matriz africana/Afro Umbandista
Caso 3	40	Separado/divorciado	R\$2.000,00	Espírita

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A rede de apoio social acompanha as transições do ciclo vital, podendo modificar sua estrutura e funcionamento ao longo do tempo, a fim de se adequar às demandas do microsistema familiar e dos aspectos pessoais de seus membros (Wrzus et al., 2013). Neste estudo, optou-se por analisar dados de professoras de escola pública municipal, considerando que educadores fazem parte da rede de apoio de crianças em idade escolar e de suas famílias. Além disso, considerando que este é um contexto que apresenta vulnerabilidade social, entende-se que o professor tem papel ainda mais relevante como fator protetivo, visto que a escola é fator protetivo em situações de vulnerabilidades (Amparo, Galvão, Cardenas & Koller, 2008).

Sabe-se que os laços sociais têm influência na manutenção da saúde de seus integrantes, funcionando como fator de proteção em situações de estresse, podendo reduzir seus efeitos e diminuir seu impacto no bem-estar psicológico (Cohen, 2004; Griep, Chor, Faerstein, Werneck, & Lopes, 2005). No caso de contextos vulneráveis, a rede de apoio pode se tornar ainda mais relevante, uma vez que reduziria os efeitos do estresse provocado pela precariedade das condições de vida e da violência.

As três participantes ilustram um perfil de profissionais que costuma ser visto em contextos de educação. A questão de gênero é particularmente interessante, uma vez que os profissionais de ensino público são prioritariamente mulheres (Vieira, 2018). O gênero pode influenciar os vínculos estabelecidos entre educadores e as crianças, inclusive em termos de identificação e papéis de gênero associados.

Ao compreender que estas profissionais estão inseridas em contexto de vulnerabilidade social, hipotetiza-se que podem estar sobrecarregadas em seu trabalho, uma vez que estão em contato com dificuldades constantemente, tanto em relação às crianças e suas famílias, como na precariedade dos recursos e estruturas do espaço de trabalho (Dalcin & Carlotto, 2018). Entretanto, o que se verificou, a partir da análise dos resultados da escala de *burnout* utilizada, foi o oposto do que se esperava (Figura 1). Em geral, as participantes apresentaram baixa exaustão emocional, alta realização profissional e baixa despersonalização.

Estas participantes demonstraram que, mesmo com as dificuldades enfrentadas diariamente, percebem-se realizadas com sua profissão, com vigor para o trabalho e identificadas com o que fazem. Esses elementos podem ser fundamentais na construção da rede de apoio para as crianças e famílias com quem essas profissionais trabalham.

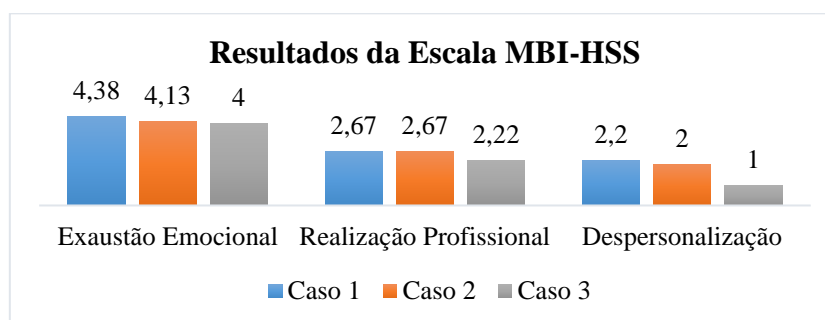


Figura 1. Resultados da Escala MBI-HSS

É possível que, por apresentarem baixos índices de *burnout* no trabalho, estas professoras, mesmo com as adversidades enfrentadas, também recebam auxílio de uma rede de apoio própria. A rede de apoio pode ser fator de proteção para a manutenção da saúde (Berkman & Glass, 2000), o desenvolvimento cognitivo (Fratiglioni et al., 2000; Green, Rebok, & Lyketsos, 2008), a redução de sintomas depressivos e a expressão de bem-estar (Grav et al., 2012; López Garcia et al., 2005; Kawachi & Berkman, 2001). Nesse sentido, pode-se compreender que as professoras participantes desse estudo estão fortalecidas, como parte da rede de apoio das crianças e de suas famílias, porque também se percebem apoiadas. Pelos índices de realização profissional, identificação com o

trabalho e vigor, pode-se pensar, inclusive, que as próprias relações de trabalho e o espaço laboral são compreendidos como parte de suas redes de apoio.

As dimensões de *burnout* estão relacionadas com as percepções dos profissionais acerca de seu contexto de trabalho. Valores normativos, incluindo nestes a religiosidade, tem grande importância para diminuição da apatia nas relações interpessoais, no alívio do esgotamento psíquico e percepção da realização profissional, ajudando, desta forma, no enfrentamento das dificuldades laborais diárias (Souza et al., 2016). Visto que as participantes seguem crenças religiosas (Tabela 1), sugere-se que este é um fator que pode contribuir com uma visão positiva de seu âmbito profissional.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo qualitativo propôs-se a apresentar dados preliminares de uma pesquisa sobre fatores de risco e proteção associados a um contexto de vulnerabilidade social em Cachoeirinha/RS. Como a coleta de dados sofreu atraso, em virtude de adequações necessárias nos protocolos, não foi possível ampliar o número de participantes envolvidos neste estudo. O reduzido número de protocolos levantados limita as possibilidades de análise, fato que será explorado em levantamentos posteriores.

Os resultados percebidos, a partir desses protocolos, apontam para baixa exaustão emocional, alta realização profissional e baixa despersonalização entre educadores, fortalecendo-as como rede de apoio social para crianças e famílias do território. Esta análise diferiu da hipótese inicial, levando em consideração o contexto de trabalho.

Apesar dos resultados analisados nesses protocolos divergem das hipóteses iniciais, é preciso considerar que a amostra compete a uma pequena parcela dos profissionais que atuam no território. Assim, é possível que, com a sequência da pesquisa, outros elementos da escala fiquem em evidência bem como amplifique a análise de dados que contemplem aspectos importantes para a compreensão e validação ou não das hipóteses iniciais.

REFERÊNCIAS

Complexo de Ensino Superior de Cachoeirinha

- Ainsworth, M. S. (1989). Attachments beyond infancy. *American Psychologist*, 44(4), 709-716.
- Albarracin, D., Repetto, M. J., & Albarracin, M. (1997). Social support in child abuse and neglect: support functions, sources, and contexts. *Child Abuse & Neglect*, 21(7), 607-615.
- Amparo, D. M. do; Galvão, A. C. T.; Cardenas, C. & Koller, S. H. (2008). A escola e as perspectivas educacionais de jovens em situação de risco. *Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional*, 12(1), 69-88.
- Attneave, R. & Ross, S. (1982). *Redes familiares*. Buenos Aires: Amorrortu.
- Balcani, G., Ferraris, S., & Marano, G. (1995). Centros educativos para la producción total. In E. E. Dabas & D. Najmanovich (Ed.), *El lenguaje de los vínculos* (pp.135-148). Buenos Aires: Paidós.
- Barrera Jr, M., & Garrison-Jones, C. (1992). Family and peer social support as specific correlates of adolescent depressive symptoms. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 20(1), 1-16.
- Berkman, L. F., & Glass, T. (2000). Social integration, social networks, social support, and health. *Social Epidemiology*, 1, 137-173.
- Benevides-Pereira, A. M. T. (2001). MBI - Maslach Burnout Inventory e suas adaptações para o Brasil. In *Anais da 32ª Reunião Anual de Psicologia*, Rio de Janeiro, 84-85.
- Brito, R. C., & Koller, S. H. (1999). Desenvolvimento humano e redes de apoio social e afetivo. In: A. M. Carvalho (Ed), *O mundo social da criança: natureza e cultura em ação* (pp. 115-129). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Bronfenbrenner, U. (1996). *A ecologia do desenvolvimento humano: Experimentos naturais e planejados*. Porto Alegre: Artes Médicas. (Original publicado em 1979).
- Carlotto, M. S., & Câmara, S. G. (2007). Propriedades psicométricas do Maslach Burnout Inventory em uma amostra multifuncional. *Estudos de Psicologia*, 24(3), 325-332.
- Cohen, S. (2004). Social relationships and health. *American Psychologist*, 59(8), 676-699.
- Dalcin, L. & Carlotto, M. S. (2018). Avaliação de efeito de uma intervenção para a Síndrome de Burnout em professores. *Psicologia Escolar e Educacional*, 22(1), 141-150.
- Dessen, M.A. & Domingues, M.T. (2005). A ciência do desenvolvimento humano: ajustando o foco de análise. *Cadernos de Psicologia e Educação Paidéia*, 15(30), 11-20.
- Elkaïm, M. (1989). *La práctica de la terapia de red*. Barcelona: Gedisa.
- Fratiglioni, L., Wang, H. X., Ericsson, K., Maytan, M., & Winblad, B. (2000). Influence of social network on occurrence of dementia: a community-based longitudinal study. *The Lancet*, 355(9212), 1315-1319.

- Grav, S., Hellzèn, O., Romild, U., & Stordal, E. (2012). Association between social support and depression in the general population: the HUNT study, a cross-sectional survey. *Journal of Clinical Nursing*, 21(1-2),111-120.
- Green, A. F., Rebok, G., & Lyketsos, C. G. (2008). Influence of social network characteristics on cognition and functional status with aging. *International Journal of Geriatric Psychiatry*, 23(9), 972-978.
- Griep, R. H., Chor, D., Faerstein, E., Werneck, G. L., & Lopes, C. L. (2005). Validade de constructo de escala de apoio social do Medical Outcomes Study adaptada para o português no Estudo Pró-Saúde. *Cadernos de Saúde Pública*, 21(3), 703-714.
- Juliano, M. C. C., & Yunes, M. A. M. (2014). Reflexões sobre rede de apoio social como mecanismo de proteção e promoção de resiliência. *Ambiente & Sociedade*, 17(3), 135-154.
- Kawachi, I., & Berkman, L. F. (2001). Social ties and mental health. *Journal of Urban Health*, 78(3), 458-467.
- Koller, S. H., De Antoni, C., & Carpena, M. E. F. (2012). Famílias de crianças em situação de vulnerabilidade social. In M. N. Baptista & M. L. Teodoro (Eds.), *Psicologia de família: teoria, avaliação e intervenção* (pp.145-155). Porto Alegre: Artmed
- López García, E., Banegas, J. R., Pérez-Regadera, A. G., Cabrera, R. H., Rodríguez-Artalejo, F. (2005). Social network and health-related quality of life in older adults: a population-based study in Spain. *Qual Life Res* 14(2), 511-520.
- Maslach, C., & Jackson, S. E. (1981). The measurement of experienced Burnout. *Journal of Occupational Behavior*, 2, 99-113.
- Masten, A. S., & Reed, M. G. J. (2002). Resilience in development. In C. R. Snyder & S. J. Lopez (Eds), *Handbook of Positive Psychology* (pp. 74-88). Oxford, UK: Oxford University Press.
- Narvaz, M.G. & Koller, S. H. (2004). O modelo bioecológico do desenvolvimento humano. Em S. Koller (Eds.). *Ecologia do desenvolvimento humano: Pesquisa e intervenção no Brasil* (pp. 51-66). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Newcomb, M. D. (1990). Social support by many other names: towards a unified conceptualization. *Journal of Social and Personal Relationships*, 7(4):479-94.
- Pierce, G. R., Sarason, B. R., Sarason, I. G., Joseph, H. J., & Henderson, C. A. (1996). Conceptualizing and assessing social support in the context of the family. In G. R. Pierce & I. G. Sarason (Eds.), *Handbook of social support and the family* (pp. 3-23). New York, NY: Springer.

- Poletto, M., & Koller, S. H. (2006). Resiliência: uma Perspectiva Conceitual e Histórica. In D. D. Dell'Aglio, S. H. Koller, & M. A. M. Yunes (Eds.). Resiliência e psicologia positiva: interfaces do risco à proteção (pp. 19-44). São Paulo: Casa do psicólogo.
- Rangel, M. P. (2007). Redes Sociais-Pessoais: Conceitos e Metodologia (Tese de Doutorado não publicada). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- Rosenquist, J. N., Murabito, J., Fowler, J. H., & Christakis, N. A. (2010). The spread of alcohol consumption behavior in a large social network. *Annals of Internal Medicine*, 152(7), 426-433.
- Rutter, M. (1987). Psychosocial Resilience and Protective Mechanisms. *American Journal of Orthopsychiatry*, 57, 316-331.
- Sluzki, C. A. (1997). Rede social na prática sistêmica. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Souza, S., Souza, F. M. T., Barbosa, S. C., Lopes, I. R. S. & Fernandes, D. G., 2016. Síndrome de burnout e valores humanos em professores da rede pública e estadual da cidade de João Pessoa: um estudo correlacional. *Análise Psicológica*, 34 (2), 119-131.
- Vieira, A. (2018). Expectativas dos professores e mismatch racial na escola pública brasileira. *Cadernos de pesquisa*, 48(168), 412-445.
- Wrzus, C., Hänel, M., Wagner, J., & Neyer, F. J. (2013). Social network changes and life events across the life span: a meta-analysis. *Psychological Bulletin*, 139(1), 53-88.
- Yunes, M. A. M. (2001). A questão triplamente controvertida da resiliência em famílias de baixa renda (Tese de Doutorado não publicada). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- Zamberlan, M. A., & Biasoli-Alves, Z. M. (1997). Interações familiares: teoria, pesquisa e subsídios à intervenção. Londrina: Editora Universidade Estadual de Londrina (UEL).